

}3.1.

ALMEIDA, Bernardo Corrêa d' – *A Vida numa Palavra: Uma nova leitura do Evangelho de S. João*. Porto: Universidade Católica Editora, 2012. 341 p.

Bernardo Monteiro Fernandes Corrêa d'Almeida, franciscano da Província de Portugal e docente na Faculdade de Teologia da UCP, inicia aqui a sua atividade de publicação com o fruto de uma longa investigação sobre o Quarto Evangelho, do qual faltava em português um comentário arguto e preciso como este. Já por isto felicitamos o autor por ter preenchido, e muito bem, esta lacuna dos estudos bíblicos e teológicos no nosso país.

O leitor tem a vida muito facilitada porque os termos das línguas originais estão todos transliterados e porque o autor limpou o texto de notas de pé de página, só pontualmente o faz, pouquíssimas vezes. Na prática, o leitor encontra aqui um longo e fundamentado comentário a todo o texto do evangelho dito de S. João (assim o diz a Tradição). Para este trabalho, o autor traduziu do original todo o texto do evangelho de um modo o mais literal possível. Essa tradução na íntegra está colocada no fim do comentário (pp. 281-329), mas vai sendo seccionada ao longo da exposição para que o leitor vá acompanhando a exegese de cada porção/perícope do texto evangélico. Nas pp. 331-335 o autor faculta uma bibliografia seleccionada para não cansar o leitor com o conjunto infundável de estudos sobre a matéria que mostra conhecer e dominar. Termina com um índice muito preciso e muito útil onde se vislumbra a estrutura geral do evangelho em cinco partes (introdução, caps. 2-12; 13-17; 18-19; 20-21). Aqui, o autor subdivide a segunda parte da estrutura clássica do evangelho (evangelho dos sinais na primeira parte: caps. 1-12, e evangelho da glória caps. 13-21), pois nessa segunda parte distingue a Última Ceia (caps. 13-17) da Paixão (caps. 18-19) e da conclusão em dois epílogos (caps. 20-21). Além disso, ao longo do texto vai distribuindo ao leitor vários quadros com inúmeras citações do Antigo Testamento ilustrativas da perícope que está a ser comentada e, sobretudo, muitos quadros comparativos ou esquemáticos que ajudam a visualizar a relação temática ou entre as personagens em questão (por exemplo, pp. 111, 200, 201, 212, 219). Queremos somente destacar os quadros comparativos sobre as festas no quarto evangelho (pp. 69-70) e sobre os sete sinais no quarto evangelho (p. 68).

Para compreender o título desta obra é fundamental passar pelo preâmbulo (pp. 17-24), pois aí o leitor encontra justificado também o subtítulo: uma nova leitura do evangelho de S. João. De facto, o autor justifica o contributo do discípulo amado, esse narrador-tipo que nos permite ler por dentro de modo diverso todo o testemunho de

Jesus, o seu e o de todos aqueles que escutam a Palavra da vida de Deus *para serem* essa Palavra (expressão bastante frequente na pena de Bernardo d'Almeida). Neste comentário o autor não nos leva por muitas questões intrincadas da exegese joanina (como a questão do autor, da relação com o judaísmo, da influência ou não de Qumran ou da gnose, dos destinatários do evangelho, da estrutura, da relação da comunidade joanina com a sinagoga, do suposto dualismo joanino, do papel dos judeus e do suposto antijudaísmo do quarto evangelho, da relação ou não com a tradição sinóptica). Dos três grandes modelos de leitura do evangelho (teológico, histórico e literário, p. 17), o autor prefere claramente o primeiro e o terceiro, ainda que afirme que reúne os três níveis (p. 18). Parte do testemunho do discípulo amado cujo conteúdo tanto é a Palavra como essa Palavra escutada e testemunha. O discípulo amado tem a função de viver, de ser amado por Jesus, de levar Pedro a Jesus (p. 19) juntamente com todos os outros discípulos e leitores. Trata-se, portanto, de um comentário bastante teológico e literário em que o autor vai explorar a trama de significados e de relações entre os temas e as personagens nos diversos estratos de leitura. Isto vai fazer o leitor percorrer um caminho de intratextualidade e de intertextualidade sobretudo dentro do evangelho joanino, e quando necessário o autor alarga estes âmbitos ao Antigo Testamento e à literatura peri-testamentária. Precisamente aqui gostaríamos de ter visto anotadas algumas correspondências com o Antigo Testamento que não veem assinaladas, pois se é verdade – como o autor bem nota – que o discípulo amado (essa figura tipo de narrador) quer levar Jesus a Pedro, também é verdade que não deixa de evidenciar – apesar do desejo positivo de o levar até à vida de Jesus com o Pai e que “o gesto de Jesus lavar os pés aos discípulos tem como principal objetivo introduzi-los no domínio do encontro, ou seja, na sua vida no Pai” (p. 193) – que a tradição joanina não está totalmente imune à tradição sinóptica nem à fonte Q, pois na Última Ceia Jesus não deixa de avisar Pedro em 13,8 que “se não te lavar não terás parte comigo”. Assim se compreende a proximidade à paixão sinóptica com as negações de Pedro em Jo 18,15-18.25-27. O discípulo amado fala deste “encontro”, fala por outras palavras do “desejo de os atrair à sua glória como Filho de Deus” (p. 193), também pelas palavras da tradição levítica da herança deixada aos filhos de Aarão (cf. Num 18,20; Dt 33,9-11), palavras essas que não são apresentadas como contexto do lava-pés e que enriqueceriam o desejo do discípulo amado em ver esse encontro, essa partilha de vida realizada. Na verdade, no lava-pés Pedro é confrontado com uma decisão: ser sacerdote ou se é assim lavando os pés (servindo) ou não é. Ou se deixa ordenar, confirmar, ou não. Pedro não percebe que a confirmação/ordenação/serviço é algo muito sério. É com a linguagem levítica que o discípulo amado dá testemunho do serviço. Pedro esquece-se do Sl 98,6 em que “Moisés e Aarão estão entre os seus sacerdotes”. Que significa isso? Qual o lugar do sacerdócio e dos sacerdotes? Era junto do templo, junto de Javé; essa era a sua *porção*, a sua *parte*. Ora, de acordo com Dt 33,9-11, Levi não tinha outra herança a não ser a de Deus (não tinha outra “meros”, outra “parte”): “... eles observam a tua palavra e guardam a tua aliança, eles ensinam as tuas normas a Jacob e a tua lei a Israel ...”. No quadro da p. 193 é verdade que a temática do serviço e do servo não são apresentados como modelos, e que o Jesus joanino é claro quando chama amigos aos discípulos em Jo 15,15. Mas no versículo anterior avisa que “vós só sois meus amigos se *fizerdes o que eu vos ordeno*”. Se Pedro não fizer isso *não terá parte* nem com Jesus nem com o discípulo amado. Jesus lança a Pedro o aviso de Javé à tradição aarônica de Num 18,20 na primeira pessoa de “Eu sou a tua parte”: “Javé disse a Aarão: não recebereis nenhuma herança, nem parte

na terra. Para Ti, *Eu sou a tua parte e a tua herança* no meio dos filhos de Israel. Aos filhos de Levi deu como herança todo o dízimo." Já a tradição deutero-paulina tinha recuperado esta herança, esta *porção*, esta *participação*, esta *parte* em Ef 1,11 ao definir-nos *feitos sua herança*: "em Cristo recebemos a *nossa parte da herança* segundo o projeto daquele que tudo conduz de acordo com a sua vontade: fomos predestinados a ser o louvor da sua glória ..." Diríamos que no lava-pés Pedro está preocupado com as rubricas a vermelho da Instrução Geral do Missal Romano. Jesus está preocupado com outra coisa, em tentar fazer Pedro participante da sua vida de amor ao Pai e ao mundo para amar o Pai e o mundo. Ora, Pedro não quer que Jesus o faça tomar parte consigo na vida do Pai, Pedro não quer tomar parte, não quer nenhuma herança, não quer que Jesus organize a vida de Pedro, Pedro não quer organizar a vida, não quer ordenar a sua vida para Jesus. Pedro não quer ser ordenado, não quer ser confirmado. Jesus confronta-o de um modo muito direto e incisivo: se não deixares que Eu te ordene, não terás parte comigo, não participarás na minha vida do Pai; se não deixares que Eu te faça fazer o que Eu te ordene, não terás direito a qualquer herança; se não quiseses ficar junto de Mim, não terás participação na minha vida com o Pai. A visão crítica dos discípulos (que já lá vem desde os sinópticos), afinal, não está tão longínqua da redação joanina, pois o despiste dos discípulos já vem lá de trás do texto evangélico de Jo 4,8 onde os discípulos foram "comprar". Só reaparecerão em 4,27 quando acabam de chegar de "comprar" do supermercado, usando um verbo que nunca surge na boca de Jesus. Mal O veem a falar com ela, interrompem a conversa para perguntar "de que falas com ela?". Nada quiseram saber da boca de Jesus, quiseram apenas saber em que ponto estava o *big brother* até em Jo 4,31 querem ser eles a mandar em Jesus impondo-Lhe um "Rabi come", pois o intuito era tapar a boca para não libertar a boca. Da boca de Jesus não queriam ouvir nada. Em Jo 4,32 os discípulos estão completamente despistados. Não querem saber nada de nada. Só querem é falar e comprar.

Acrescentaria apenas mais duas notas para enriquecer o comentário. Na atenção que o autor dedica à aproximação literária ao texto do evangelho, ao contrapor a samaritana a Nicodemus na p. 81, seria útil acrescentar as seis vezes que a samaritana fala e as sete que Jesus responde, bem como a exploração que o discípulo amado faz de toda a simbólica da incompletude do número 6 (que aliás perdurará no Apocalipse de modo ainda mais significativo: cf. Ex 14; Jos 6,6-20; Jz 14,16-17; Ez 9).

Finalmente, além das leituras apresentadas sobre a simbologia dos 153 peixes pescados pelos discípulos do lado direito da barca (p. 276), falta indicar que o tempo e a simbólica numérica do discípulo amado remetem também para a unidade da plenitude (indicado no carácter exponencial do número *cem*) que acontece durante os dias da Páscoa, durante os *cinquenta dias* até à festa das Semanas (raiz da nossa festa do Pentecostes), e que tudo isso é proporcionado pelo nosso Deus *triunitário* (pelo *Pai*, pelo *Filho* e pelo *Espírito Santo*), proporcionando assim que se mantenha o ritmo a que o discípulo amado quer levar o leitor: ler a história da salvação como um projeto de unidade onde Deus semeia, outros operam, e são os discípulos agora neste tempo a receber em plenitude dessa sementeira de unidade.

É bom encontrarmos um comentário assim, que se centra no texto bíblico tal como ele está e tal como chegou até nós, no caso o evangelho de S. João que teve um período de incubação de cerca de sessenta anos. Por vezes, a exegese bíblica também se perde no contexto, nos intertextos e nos pretextos a tal ponto que se esquece do texto e passa a considerar o texto já não o texto mas precisamente esses pretextos, contextos

ou intertextos. Há que dar a mão à palmatória e reconhecer que a fronteira entre a exegese e eisegese ou o jornalismo barato (entenda-se na pior aceção da expressão) nem sempre é mantida. Bernardo d'Almeida conseguiu evitar essa confusão tão fácil e tão frequente pela acribia com que aborda e conhece o texto joanino. Congratulamo-nos com esta obra, com este grande comentário pedagógica e cientificamente estruturado. Por isso, aguardamos novos contributos do autor que aqui tão bem nos ajuda a entrar na riqueza do texto joanino, e que com esta obra ajuda a prestigiar a jovem editora da Católica Porto.

José Carlos Carvalho